

## **A melancolia social trazida pela modernidade e a visão do narrador sob a sociedade Irlandesa no conto *Os Mortos* de James Joyce**

Maria Romilda Mota Silva

James Joyce foi um grande pensador Irlandês. Na universidade passou a ter uma preocupação com a cultura e com a alma humana que adquiriu com os jesuítas. Começou a escrever obras literárias no final do século XIX, sua primeira grande obra Chamada “Dublinenses (1915)”, dividida em quinze contos onde Joyce retrata sua cidade e a cultura onde vivia (sociedade Irlandesa), focando principalmente em sua cidade Dublin. Contudo esses contos são divididos em quatro partes, infância, adolescência, maturidade e a vida pública. O último conto, os Mortos, é a conclusão desses quatro assuntos, retrata uma crítica aos aspectos sociais e morais envolvendo toda a sociedade Irlandesa, que para ele, essa sociedade era considerada parada. Como percebe-se em: “My intention was to write a chapter of the moral history of my country and I chose Dublin for the scene because the city seemed to me the centre of indifferent public ends in four of its aspects: childhood, adolescence, Maturity and public life”. (HODGART, Mathew. 1978, p.44).

Joyce conclui sua coletânea com o conto Os Mortos, mostrando ao leitor, através de sua perspectiva, a passagem de uma época tradicional para o novo, uma modernidade que, para Gabriel e a sociedade irlandesa, está matando tudo que há de melhor na cultura de seu país: a boa música, a educação das pessoas e o apreço pelas artes e símbolos tradicionais da sociedade.

O conto é narrado a partir de uma perspectiva heterodiegética pessoal, influenciando diretamente no leitor para uma credibilidade maior com relação aos fatos. Esse tipo de narrador age em segundo nível, ou seja, não participa diretamente da ação, sendo privilegiado nos aspectos temporal, local e cognitivo.

O escritor coloca muitos personagens no conto, o que vai favorecer para uma ação bastante enfraquecida, ou seja, há uma grande ocorrência de ações sem desfecho. Sempre que há um diálogo ou uma conversa, essa tende a ser interrompida por outra ação, o narrador mostra certa recusa para o desfecho das ações: o comentário de tia Kate sobre o Papa e a igreja católica logo é interrompido pela ação de Molly se recusando a

participar do jantar; o comentário de Freddy sobre o cantor negro logo é interrompido por Mary Jane à falarem sobre a “verdadeira” ópera; o diálogo entre Gabriel e Molly logo é interrompido pelos declives da dança. Isso tudo representa a paralisia da sociedade irlandesa e a festa em si é a maior representação.

Através dessa estratégia e linhas de interrupções é que vamos ter o reflexo de uma das principais temáticas trabalhadas por Joyce nesse conto, ou seja, a sociedade parada, uma sociedade que não se desenvolve:

“- Não estou dizendo que o Papa esteja errado. Sou apenas uma velha tola e não ousaria a fazer uma coisa dessas. Mas existem a polidez e a gratidão. Se eu estivesse no lugar de Júlia, teria dito ao próprio padre Heakey... – e além do mais titia – acrescentou Mary Jane – estamos todos famintos e a fome nos deixa briguentos. – a sede também – emendou Brownw. Diante da porta do salão... – mas será apenas por dez minutos, Molly – disse Greta – não irá se atrasar muito. – um pratinho só – disse Mary Jane – para se refazer da dança...” (JOYCE, James, 1964. p. 159).

A crítica que tia Kate faz à igreja católica, mesmo fazendo parte dela, pode se ver perfeitamente que a sociedade Irlandesa tinha o catolicismo visto como uma religião política, não aceitava uma nova religião, e o protestantismo, era uma nova religião que surgiu no final do século XIX. Porém eles não a aceitavam. Essa conversa foi interrompida pela a ação onde Greta e Mary Jane tentam convencer Molly a ficar para o jantar, isto é, narrador não consegue desenvolver nenhuma ação, o conto todo é considerado uma narrativa parada, não deixa o leitor sentir a ação. O fato é que, Joyce enreda essa paralisia social não somente através das personagens, nem somente pelas temáticas, porém, a própria narrativa é um reflexo da paralisia. Segundo Vizioli, os contos de Joyce:

[...] retrata a vida de seus concidadãos, sua moralidade de fachada, seu desinteresse pelos valores mais elevados (como a arte), sua ganância e sua estreiteza mental, causas daquela já iludidas “ paralisia geral dos insanos” que frustrava a juventude e sufocava a criatividade [...] ele pretendia explicar os motivos de sua rejeição da pátria e seu subsequente “ exílio”. No ambiente ainda dominado pelo sentimento nacionalista e impregnado pelo romantismo do “crepúsculo céltico”, há de se reconhecer que essa era uma temática inusitada e provocante. (VIZIOLI, Paulo, 1991. p. 42)

Essa paralisia está presente em todo o discurso. Uma sociedade parada é uma sociedade que vive daquilo que outros construíram, sendo que, esses outros já nem vivem. Joyce descreve a sociedade irlandesa como aquela que exalta os mortos e o passado: “- Não gostaria de ir á uma excursão às ilhas de Aran, no próximo verão?... – Geralmente vamos à França ou à Bélgica...ou então à Alemanha – disse Gabriel embaraçado...”. (JOYCE, James, 1964. p. 154).

O convite de Molly para Gabriel é um reflexo de uma sociedade que exalta o passado, era parte da cultura irlandesa viajar as ilhas Aran onde sua comunidade iniciara. A viagem era uma celebração ao passado. Molly é alguém presa a esse passado, negando o presente e o futuro que se desenvolvia em outros países;

“... – Seu nome era Parkson. Ouvi-o quando se encontrava em plena glória e penso que possuía a mais pura voz de tenor jamais colocada na garganta de um homem. – Estranho – disse Barteil D’arcy – nunca ouvi falar dele. – Sim, sim, a senhorita Morkan tem razão! – Disse Browne. – recordo-me de ter ouvido o velho Parkinson, mas é uma época muito distante para mim. – Um belo, puro, doce e melodioso tenor inglês – disse tia Kate num arrebatamento”. (JOYCE, James, 1964. p. 163).

Durante o jantar eles exaltam os cantores do passado, muitos deles já não estão vivos, portanto, tudo o que eles falam é sobre o passado e sobre os mortos. Até o próprio narrador focalizador Gabriel, que é caracterizado como aquele personagem modernista intelectual que se sente superior a todos os convidados da festa e até hesita nas palavras que deve usar em seu discurso habitual, pois a maioria não iria compreender palavras tão cultas e tentou moldá-las para a ocasião e seus ouvintes. Ele é o personagem central da narrativa e da festa natalina. É um personagem que olha para o futuro, por ser sufocado por essa esfera reinante de morte, mas também exalta os mortos em seu discurso logo após o jantar. É o que podemos observar nesta citação:

“... Ouvindo os nomes de todos esses grandes cantores do passado pareceu-me, devo confessar, que vivemos em uma época mais pobre. Aqueles tempos podem, sem exagero, serem qualificados de esperançosos e se já não voltam mais, esperemos, pelo menos, que em reuniões como esta, recordemo-los com afeto e orgulho e acaltemos em nossos corações a memória desses grandes mortos, cuja glória o mundo não deixará perecer.” (JOYCE, James, 1964. p. 166).

Não podemos esquecer que o conto também está todo ligado a epifania, que para Joyce “ epifania representa uma manifestação espiritual súbita, em que um objeto se desvenda ao sujeito”. (**GOTLIB**, Nádia Batella, 2002. p. 51) trata-se de pequenos recortes da vida real que se explica a alienação do mundo. Podemos ver nesta citação a personagem Greta esposa de Gabriel durante a revelação:

“... Foi no inverno – disse ela – no princípio do inverno, quando estava para deixar a casa de minha avó e vir para o internato. Ele estava doente na pensão em Galway e não o deixaram sair. Sua família, que morava em Oyghterard, tinha sido avisada. Dizem que ele definhava, ou algo parecido. Nunca soube ao certo. Calou-se um momento e suspirou. – Pobre rapaz. Gostava tanto de mim e era tão gentil. Passeávamos juntos, sabe Gabriel, como costume no interior... pobre Michel Furey...” (**JOYCE**, James, 1964. p. 179).

Como podemos observar nesta citação, Gabriel está tendo a revelação, ou a epifania de que Greta ama outro homem. Ela exalta sua paixão pelo passado, e sempre que algo lhe fizer lembrar esse passado, como a canção a fez, Greta exaltará o mundo dos mortos.

Epifania é uma ideia metafórica que Joyce cria no conto os mortos para dar uma explicação desse mundo vivido pelos personagens, pode se ver nas sombras dos mortos, na neve que é considerada o símbolo da morte. E no fim do texto mostra claramente também a Epifania do mundo.

Por fim, a morte estava presente em todos os momentos, seja no passado, presente e no futuro, pois além de ser o futuro de todos os seres vivos. Portanto, a morte perdia seu caráter trágico e triste para fazer parte da roda da vida, das renovações.

## Referências Bibliografias

**GOTLIB**, Nádia Batella. *Teoria do Conto*. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2002. (Série Princípios, 2).

**HODGART**, Mathew. Dubliners. In: *James Joyce: a student's guide*. London: Routledge & Kegan Paul, 1978, p.44-56.

**JOYCE**, James. Os Mortos. In: *Dublinenses*. Trad.: Hamilton Trevisan. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, (Biblioteca do Leitor Moderno, Vol. 56), p.143-182.

**VIZIOLI**, Paulo. *James Joyce e sua obra literária*. São Paulo: EPU, 1991, p.41-48.